

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.



TORQUATO ALVARES RIBEIRO

COMMENDADOR DE S. GREGORIO MAGNO E FIDALGO CAVALLEIRO
DA CASA REAL

HOMENAGEM DO PROGRESSO CATHOLICO
NO 1.º ANNIVERSARIO DO SEU FALLECIMENTO

Torquato Alvares Ribeiro

No primeiro anniversario do seu fallecimento



COMO o tempo passa veloz! Já lá vae um anno—fel-o no dia 29 d'abril—que a alma de Torquato Alvares Ribeiro abandonou o seu corpo e voou ao ceu, como piamente cremos, a receber o premio de suas virtudes. Ha um anno já que aquelle exemplarissimo christão, que tinha o «cunho profundo dos grandes caracteres e o signal radioso dos grandes predestinados,» como d'elle disse Monsenhor Luiz Viana, nos abandonou, deixando-nos immersos na mais pungente dôr.

Ha já um anno e ainda nos parece que fôra hontem, tão intensa foi a saudade que nos deixou no coração, saudade que ainda perdura!

Com o rodar dos tempos, a saudade e até a lembrança dos mortos extingue-se no coração dos vivos. Quiz Deus que assim fosse para que a vida não se tornasse um permanente martyrio para os que a atravessam.

Morrem os seres mais queridos ao nosso coração,—mãe, pae, esposa ou esposo, irmãos, filhos—e a dôr, que experimentamos ao vel-os desaparecer, vae amortecendo pouco a pouco.

Morrem homens que deslumbraram o mundo com os fulgores da sua intelligencia, com o brilho da sua posição social, com os seus feitos heroicos no campo de batalha; e os povos, que os prantearam quando elles se sumiram no pó do tumulo, brevemente os esquece.

Mas com Torquato Alvares Ribeiro não succedeu isso. Desceu ao tumulo, desapareceu da scena do mundo, mas vive e viverá no coração d'aquelles que o amaram e lhe conheceram e apreciaram as prendas do character diamantino.

Que mysterio é este?

Este homem, a quem aprouve viver sempre na obscuridade, tendo talentos e fortuna para ser uma das mais prestigiosas figuras da sua terra; este homem, que não foi cantado em vida nos jornaes nem acclamado em sessões solennes; este homem, que passou pelo mundo apenas conhecido dos seus intimos; este homem, que nem foi deputado, nem par do reino, nem ministro d'Estado, nem escriptor, nem orador laureado, nem agitador de massa; este homem morre e continua vivendo na mente e no coração dos seus concidadãos, ao passo que outros, que passaram a vida a

chamar a attenção para as suas personalidades, desapareceram como meteoros da scena da vida, sem que o mundo se recorde d'elles, quer para lhes abençoar a memoria, quer para lh'a amaldiçoar!

Que mysterio é este?

E' que, ao passo que os outros passaram a vida a pensar em si e a trabalhar para si, como verdadeiros egoistas, Torquato Alvares Ribeiro atravessou-a a cogitar nos meios de trabalhar para os outros e de se tornar util ao proximo. Os outros colhiam; elle semeava. Os outros passaram o tempo a fazer bem a si e aos seus; elle passou-o a fazer bem ao seu semelhante.

Os outros, com as lentejoulas do ruido e do luxo, attrahiam a attenção do publico; elle, com o oiro d'elevado quilate da sua humildade e com a prodiga caridade da sua bolsa, conquistava corações.

O brilho das lentejoulas dos outros empanou-se apenas elles desapareceram: haviam edificado em areia movediça; o oiro de bom quilate das virtudes de Torquato Alvares Ribeiro, em vez d'empanar-se, brilha cada vez mais, porque deixou fundas raizes nos corações: é que elle soube edificar em terreno firme, no terreno da caridade christã, erguendo os olhos para o ceu e desfitando-os do nosso planeta.

A passagem dos outros por sobre a terra não deixou vincos que sejam como marcos millenarios a chamar a attenção sobre elles; a d'este deixou profundos sulcos, que são como outros tantos epitaphios a lembrar as suas benemerencias e generosidades christãs.

Eis a razão por que, ao passo que os outros mortos, apesar do ruido que fizeram em redor de si, não vivem no coração dos que ficaram, este vive e viverá emquanto existirem aquelles que o conheceram e apreciaram as suas grandes virtudes.

Se ha mortos immortaes, Torquato Alvares Ribeiro é um d'esses privilegiados. Essa immortalidade conquistou-a com a sua piedade pelas misérias alheias, com as bellissimas qualidades que lhe adornavam o immaculado character. «Só ha uma verdadeira grandeza,—a virtude», disse um grande pensador christão. Torquato Alvares Ribeiro foi grande porque foi christão pratico; foi grande porque tinha sempre uma lagrima para as dôres alheias; foi grande porque comprehendeu bem a missão do rico—distribuir os seus sobejos pelos pobres; foi

grande porque se fez tudo para todos, chegando a descer aos catres, onde agonisavam seres roídos pelos mais asquerosos vermes, para levar aos desgraçados a esmola que mata a fome do corpo e a que sacia a sede da alma.

«Pequeno no corpo, mas grande na alma!» diziam, não raras vezes, aquelles que o conheciam bem. Não diziam a verdade toda: Torquato Alvares Ribeiro não era apenas grande na alma, era um gigante, porque ninguem o excedia nem sequer o egualava. Onde elle estivesse era o primeiro, embora a sua humildade se obstinasse em fazer-lhe crêr que era o ultimo. E era o primeiro não só pelo que valia, mas principalmente pelo pouco que presumia de si, virtude que o tornava grande entre os grandes.

Era um modelo digno de ser imitado, este homem que na apparencia nada inculcava, desprendido, como era, de todas as vaidades mundanas. Aquelles que lhe conheciam os elevados quilates da privilegiada alma, não podiam, ainda que quizessem, deixar de sentir-se infinitamente pequenos junto d'elle.

Homens d'esta tempera não deviam ser immortaes apenas na memoria dos que os amam; deviam viver eternamente na terra, para serem prototypos que ensinassem o caminho do bem aos outros; luzeiros que guiassem a humanidade pelos trilhos da vida.

Deus, porém, nos seus insondaveis designios, decretou o contrario: ricos ou pobres, nobres ou plebeus, sabios ou ignorantes, virtuosos ou perversos, passam no mundo como meteoros, porque não é este o seu derradeiro destino. Parece até que o Creator se apraz em conceder curta vida no mundo áquelles que mais se distinguem por eximias virtudes, o que se comprehende bem: cumprida a missão, chama-os a receber o salario prometido. Prolongar-lhes a vida na terra, que é um vale de miserias, seria um acto que se não harmonisaria com a Justiça divina.

Entre os resplendores da lua perpetua, adorando ao seu Deus e Senhor, — ao Senhor e Deus que tanto amou na terra — está, segundo pia crença nos diz, a alma de Torquato Alvares Ribeiro.

Feliz d'elle, que já está no goso da visão beatifica, e desgraçados de nós, que ainda por aqui peregrinamos, sem sabermos qual a sorte que nos espera!

Trazer á memoria dos vivos a recordação do nosso fallecido amigo é não só um acto de gratidão, mas apontar um exemplar digno de ser imitado.

Ahi o teem mais uma vez, a elle, ao illustre, ao benemerito extincto, que «tinha o cunho profundo dos grandes caracteres e o signal radioso dos grandes predestinados.» Imitem-no, porque imitarão o prototypo das mais excelsas virtudes.



A disciplina do exercito

Foi sabido por todos o que succedeu ha dias, no regimento de infantaria 18. Umas cento e cincoenta praças, que haviam recebido ordem do ministerio da guerra para marcharem para infantaria 24, com séde em Aveiro, recusaram-se a fazel-o, allegando *não os deixarem despedir-se das familias e poderem ir para a Africa.*

Mas, quando tiveram de proceder á formatura, em ordem de marcha, não se limitaram a recusar-se para a marcha (o que seria já um verdadeiro acto de indisciplina militar), fizeram mais. Aproveitando-se dos festejos que nas vespers haviam sido feitos no quartel, por occasião dos annos do principe real D. Luiz Philippe (nome que havia sido dado por titulo honorifico ao regimento), esses soldados enfeitaram o pescoço com alguns bambolins de papel, dizendo-se commendadores, fizeram medalhas de papel para ornarem o peito, e collocaram palmas seccas á cinta a fingir d'espadas, e n'essas figuras de palhaços foram formar-se na parada do quartel, para marcharem, sem se envergonharem dos seus superiores hierarchicos, e do proprio commandante do regimento!

Reprehendidos, soltaram vivas e morras, gritos que chegaram a ser subversivos ás instituições. E, tendo comparecido o capitão que os havia de commandar, o capitão de inspecção ao regimento, e o proprio coronel commandante, deixaram todos que elles saíssem n'esse estado, vindo por todo o Campo da Regeneração e por toda a rua do Almada até á praça de D. Pedro a cantarem versos contra as instituições e a darem morras ao governo!

E assim entraram no comboio, e assim chegaram a Aveiro!

Que queriam que fizesse o ministro da guerra a quem assim comprehendia os seus deveres, deveres militares, regulamentados, definidos e punidos pelos codigos de justiça militar?

O ministro foi severo, foi rigoroso, dizem alguns jornaes; mas cumpriu o seu dever. Fraquejar n'esta occasião, não castigando severamente os culpados, seria permittir que nova e mais seria sublevação ameaçasse demolir tudo o que está estabelecido. O castigo inflingido aos culpados, não só a elles attingiu. Foi mais longe, porque avisou tacitamente os que de futuro os pretendessem imitar, ou talvez exceder, que o castigo que os esperava poderia ser mais severo.

A. P. A.

ESTUDOS

O Santo Sudario de Turim

VI

Fazendo-se um minucioso exame aos estigmas do Sudario, vêem-se, em primeiro logar, ao redor do craneo, nos cabellos e na frente, umas manchas acastanhadas, cujo aspecto é o de coagulos de sangue. Estas manchas formam uma especie de corôa.

No peito, ao lado esquerdo da impressão, isto é, na região que corresponde á direita do corpo, vê-se uma mancha lenticular d'uma ferida que necessariamente produziria a morte, pois que pela quantidade de sangue indica a secção d'um grande vaso.

A mão esquerda, na junção do punho, tem uma placa castanha que se assemelha a um coagulo. O pu-

nho direito não é visivel, mas os antebraços exhibem-se sob a forma de meandros sombrios. Sem duvida, o Homem tinha os punhos perfurados; os meandros representam o sangue que d'elles correu.

Nos calcanhares e na planta dos pés, vêem-se marcas do mesmo genero. Nas costas, nas partes carnudas da bacia, nas coxas, nas barrigas das pernas, apresenta-se nos uma serie de manchas quasi todas da mesma forma e dispostas regularmente. Faz lembrar que sejam os vestigios das feridas produzidas por instrumento contundente, como seriam os da flagellação, a qual teve logar na propria manhã da morte de Jesus.

Na parte posterior do hombro direito do Homem, e no esquerdo do Sudario, vêmos uma larga mancha estriada verticalmente. Faz tambem lembrar o peso do ramo vertical da cruz, que, muito pesada como devia ser, necessariamente cortaria as carnes.

O rosto está visivelmente todo contuso. Uma bossa quebra a linha do nariz, e as faces e maçãs do rosto mostram-se tumefactas. Este aspecto evoca os punhados sacrilegos ao som do: Adivinha quem te deu!

Além da ferida mortal que já assignalamos, a imagem apresenta o facies cadaverico. Realmente, ao vê-se o nariz pinçado acima e a baixo do osso nasal, a torsão geral da mascara, e ao mesmo tempo a sua serenidade augusta; os soffrimentos, cujos vestigios ainda são manifestos, eram os da agonia, a paz reconquistada é a do tumulo. O cadaver é o d'um supplicado, e depois não parece ser o d'um anonymo, pois que tem todas as feridas de que morreu Christo na cruz.

Examinemos agora a ferida do peito: apresenta o aspecto d'um coagulo em continuidade com o sangue que corre, adaptando-se aos accidentes das superficies que encontra. Espalhando-se sangue por sobre um pano secco ou embebido de azeite, os bordos são dentados; no Sudario é o contrario.

Vamos agora á ferida, cuja representação demandaria da parte do pintor um engenho verdadeiramente prodigioso: é a da sobrançelha esquerda, feita pela corôa de espinhos.

O sangue que correu d'ella encontrou duas rugas transversaes da frente, ahi formou uma poça no sentido horizontal, e o excesso continuou a correr e formou uma lagrima terminal, ao passo que se rarefazia por cima.

Nunca pintor algum, mesmo nos quadros mais bem cuidados, teve semelhante precaução. Nas numerosas obras que representam Christo coroado de espinhos, os pintores fazem correr o sangue sem se importarem das rugas, dilatando excessivamente os seus fios no ponto terminal sob a forma d'uma lagrima batavica. Sirva de exemplo a Santa Face de Zeitblom.

Agora vamos examinar as feridas da flagellação. Nas costas, por debaixo do omoplata, dois d'estes vestigios estão collocados lado a lado; têm elles a forma d'um pequeno bastonete de 0,3^{mo}, dilatado nas suas duas extremidades. Ora, examinando-se minuciosamente a forma precisa d'estas manchas, mostram nos ellas modificações multiplas. Por ex. as tres manchas da barriga da perna direita: a de cima tem a forma d'um haltêre muito regular; a que está abaixo é irregular e difficil de definir; e a mais inferior é recortada, como que feita por um gancho.

Estas particularidades são d'um realismo intenso, porque é natural que os botões metallicos que as produziram não fôssem semelhantes. As da bacia tambem têm a forma de haltêres.

Se a forma das feridas é curiosa, não o é menos a orientação. Estão ellas divididas em duas series. Umas,

as mais numerosas, são orientadas obliquamente de cima para baixo, e da esquerda para a direita. Seriam feitas por um flagellador collocado á esquerda e por detraz do suppliciado. As outras, visiveis na espada e lado esquerdo do dorso, seriam feitas por outro flagellador collocado á direita e por detraz da sua victima.

Com o exemplo seguinte ver-se-ha como seria inverosimil a um pintor representar os vestigios d'uma flagellação da maneira tão complicada como vem no Sudario, quando a *cousa vista* não lhe vem em ajuda.

Temos o *Maitre de la Passion de Lyversberg* (sec. XIV) do museu de Colonia. Apresenta as feridas da flagellação profusamente esparsas pelo corpo; sómente ás vezes, duas ou tres, acham-se reunidas, sob a fórma de picaduras das quaes escorrem ou pendem lagrimas batavicas ridiculas.

O instrumento de supplicio, que produziu as feridas do Sudario, foi o *flagrum* romano, do qual se faz uso para punir os escravos, e que era composto de varias cadeias com botões de metal nas extremidades e presa a um cabo curto. O fim que Pilatos tinha em vista era apiedar as turbas e não feril-o gravemente; foi por isso que não usou o *flagellum* que, cortando as carnes, podia causar a morte. Ora é isto que condiz com o Sudario e que os pintores do tempo não sabiam.

Observando-se, pois, todas as feridas do Sudario, a sciencia acha-as exactas nos seus menores detalhes, reconhece-as perfeitamente conformes a todas as condições anatomicas; e esta correcção, esta justeza, denotaria da parte do falsario uma extraordinaria sciencia do corpo humano, em uma epoca em que esta estava ainda muito obscura.

Mas ainda temos mais: Um falsificador conforma-se sempre com a tradição. E' ella que lhe serve de regra e de guia, não deixando de seguil-a na execução da sua obra. Ora, o que nos diz a este respeito a tradição? Diz que a ferida do lado fôra feita á direita, que as chagas das mãos estavam collocadas a meio da face palmar, e que os cravos haviam atravessado a parte media do pé.

Confrontemos agora com os signaes do Sudario. A chaga do lado está á esquerda, porque a pessoa amortalhada a tinha á direita, pois fôra a transposição das imagens que lhe invertêra o logar. O cravo da mão esquerda fôra enterrado no pulso; os dos pés, entre os tornozellos, atravessando o calcanhar.

Mas a anatomia, ao invéz da tradição, exigia que os cravos fôsem pregados nos punhos. Se o fôsem na palma da mão, a chaga alargava-se rapidamente, e os pequenos ligamentos rasgar-se-hiam. No corpo já não se daria isso, porque os seus ossinhos estão solidamente unidos uns aos outros. Para os pés temos o mesmo; deviam estes ser pregados proximos aos tornozellos, entre os ossos do tarso, para ficarem mais solidamente fixos.

Assim, nada está em harmonia com a tradição pictural da Edade Media, que um homem do seculo XIV devia conhecer; mas tudo se ajusta á anatomia mais rigorosa que um homem do mesmo seculo ignorava.

O estudo do aspecto dos vestigios sanguineos levamos, pois, a uma conclusão identica.

Continua

P.

LITTERATURA

O Resuscitado

(fragmento)

A' medida que avançavam, os nossos viajantes ouviam cada vez mais distinctamente as casquinadas d'um bando de creancinhas.

São os meus collegiaes que andam a folgar, disse Raphael. As suas gargalhadas argentinas retinam por debaixo d'estas abobadas de crystal como alegres carrilhões.

N'uma rotunda immensa, todo um povo de bebés encantadores rodopiava ao som das canções. Havia de tudo ahi: raparigas e rapazes de cabelleiras castanhas ou louras, de olhos de fogo ou de olhos de velludo, de tez ardente ou de tez de marfim. Uns faziam com blocos de crystal rutilantes casinhas; outros, jogavam aos chocos com perolas finas; e ainda outros, ao descanso com lascas de rubis.

«Estas gentis creaturas são as almas de creancinhas privadas de baptismo, mortas comtudo no estado de graça, mas que nós submettemos a um tirocinio assaz breve antes de lhes abriremos as portas do paraizo para todo o sempre.»

Hensel não chegou a ouvir estas ultimas palavras. A sua attenção achava-se captivada por um cherubim que se desolava acororado ao pé d'uma columna. A pobre creancinha, absorvida na sua dor, não via nem ouvia nada do que se passava á volta d'ella. Grossas lagrimas rolavam-lhe pelas faces.

—«Que tens, querido irmão? perguntou-lhe Emmanuel com a sua voz mais dôce.

O triste levantou a cabeça.

—«Oh! vós que tudo podeis, Senhor, deixae-me sahir d'aqui! exclamou elle, lançando-se de joelhos. Julgo estar sempre a ouvir o grito que minha mãe soltou quando me perdeu. Os seus beijos não lh'os restitui ainda. Como é que não encontrei na ternura que tinha para com ella a força que me era precisa para viver? Supplico-vos que me torneis a enviar a minha mãe para eu a consolar! Ella morrerá de dôr se eu não voltar...»

—Pois seja! Concedo-te uma licença de trinta annos. Tu vaes tornar a nascer e a tua mãe ao abraçarte julgará acariciar um filho novo. Cumpre a ti fazes-te esquecer á força de ternura...

—Verdade! então posso voltar de novo para a beira d'ella? permittis isso? Ah! como sois bom, e quanto eu vos amo!

—Pensa bem antes de te ires embora. O paraizo ia ser-te franqueado. Na vida nova que vaes empregar, quem sabe se sahirás vencedor das provas que terás de atravessar?

—Deixae-me partir, dizia o futuro resuscitado sem nada mais querer ouvir. A minha mãe soffre... A minha mãe chora...

—Vae, disse Emmanuel.

Raphael pegou no infante pela mão e affastou-se.

Um anjo da guarda, chamado com urgencia, aproximou-se.

—Segue esta alma que vaes tornar a entrar na vida. Não a percas de vista. Tu me responderás por ella.

O anjo, tendo-se inclinado, abriu as asas e desapareceu.

(Trad. de P.)

QUATRELLES,

(Lenda da Virgem de Munster)

DE TUDO UM POUCO

Calendario:

Maio
■
1903

Faz 222 annos que falleceu em Padua, Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo um sabio que deu honra e gloria a Portugal. Nasceu em Coimbra em 1596, estudou no collegio dos jesuitas, e depois professou em Padua, na ordem de S. Francisco. Depois da revolução de 1640, defendeu em Pariz os direitos do duque, de Bragança ao throno de Portugal, onde foi acclamado com o nome de D. João IV. Sustentou em Roma, e depois em Veneza, theses de *omni re scibili*. Professou em 1667, e em 1675 tinha já composto 145 discursos panegyricos, 150:000 versos e alem d'isso theses sobre direito, theologia, etc. Escreveu alem d'isso varias obras de importancia, como são: *Propugnaculum lusitano-gallicum* em 1647, *Schema Congregationis S. Officii Romani* em 1676 etc.

Humorismos:

N'um exame de physica, perguntou o professor ao examinando:

—Porque é que sobem os balões?

—Porque teem combustivel, respondeu o examinando.

—N'esse caso—replica o examinador—tambem devia subir um carvoeiro que trouxesse ás costas uma sacca de carvão.

—E sobe, sim, senhor.—responde tranquilamente o examinando. Quantas vezes trepam elles a um quinto andar, para levarem a sua mercadoria!

*

—Sabe o que é salario?—perguntou um professor a um alumno.

—Não, senhor.

—Salario—explica o professor—é o fructo do trabalho, pago pelo capital.

Veja este exemplo. O seu pae trabalha toda a semana, pois não trabalha?

—Trabalha, sim senhor.

—E que leva elle para casa ao sabbado?

—Uma grande borracheiral

*

N'uma aula de arithmetica:

—Quem de cinco tira trez, quantos ficam?

Silencio completo.

—Ora diga-me, torna o professor.

Imagine que um caçador vae á caça.

Atira um tiro para um ninho, onde ha cinco passaros, e mata trez. Quantos ficam?

Não fica nenhum, porque os dois fogem.

.. Notas de sciencia:

Diz o dr. Williamson, n'uma revista ingleza que temos presente, que a intensidade do tremor na paralyasia agitante, depende de muitos factores, e que certas occupaões pouco fatigantes, o podem attenuar.

.. O alcool, o chá e o café provocam, pelo contrario, um augmento de tremor, assim como tambem a demora n'um aposento pequeno, quente e sem ar.

Nota o dr. Williamsou que o ar livre produz um excellente effeito sobre os parkinsonianos, e aconselha que se conservem em casa o menos tempo possivel. Sabe-se que as viagens em caminho de ferro, produzem um effeito calmante, que augmenta nas carruagens, por effeito dos abalos da locomoção.

Quando a doença está adiantada, não se deve permitir que os doentes andem sós, para evitar quedas e ferimentos.

O tratamento medicamentoso resume-se, segundo

o alludido medico, no emprego do bronhydato de hyoscina, visto que são prejudiciaes todos os outros remedios, com excepção do sulphato de duboisina, que algumas vezes dá resultados passageiros.

A hyoscina dá-se n'uma solução de agua chloroformada, em doses superiores a 0,001, (isto é um millilitro de hyoscina para cada litro de agua chloroformada) duas ou trez vezes por dia.

Em taes condições, não ha perigo algum a reccar, e obteem se notaveis melhoras.

Para combater a insomnia, caracterizada por sonhos muito curtos, embora profundos, toma-se, ao deitar, um pouco de whisky com agua, ou então sulfonal.

Tambem se pode tomar a receita acima indicada da hyoscina na solução chloroformica, porque é um bom medicamento. O leito deve ser duro, para o doente mais facilmente poder mudar de posição.

Curiosidades:

No tempo dos antigos romanos, a palavra *imperador* era o titulo conferido a um magistrado, que tinha na sua provincia, o commando d'um exercito.

Tinha o poder absoluto que dão as leis militares, e a presença do inimigo; e os soldados que estavam ás suas ordens, juravam obedecer a todas as suas ordens: *jurabant in verba*...

Algumas vezes davam as tropas o nome de *imperador* ao general, depois d'uma victoria, e elle guardava-o, como um titulo de honra. Tendo Augusto dado a si perpetuamente o poder proconsular, em todas as provincias fronteiras, e o commando de todas as tropas da republica, considerou-se com a dignidade de *imperator*, e por isso foi que teve esse titulo, que depois adoptaram os seus successores. Tiveram depois o poder absoluto, que nenhum outro magistrado possuia, a não serem os proconsules nas suas respectivas provincias. Sofreu então o povo romano o despotismo que os magistrados republicanos tinham feito pesar sobre as nações submettidas. Nero foi um Verres, que, em vez da Sicilia, tinha Roma e o mundo a governar.

Versos escolhidos:

—De que choras tu, Anjinho?

—Tenho fome e tenho frio;

—E só por este caminho?

Como a ave que cahiu,

Ainda implume do ninho?

A tua mãe já não vive?

—Nunca a vi em minha vida:

Andei sempre assim perdida;

Mãe certamente não tive.

—«E's mais feliz do que eu,

Que tive mãe... e morreu».

JOÃO DE DEUS.

COLLABORAÇÃO

Maio

O mez de maio é com razão chamado o mez das flores. E na verdade, em plena primavera florida como estamos, por toda a parte, nos campos e nos jardins ellas exhalam agora a suavidade dos seus perfumes, e desabrocham o avelludado gracioso de suas pétalas.

Assim, as arvores cobrem-se de flores como a perfumarem a paz dos ninhos, os muros e sebes engrinaldam-se de madresilvas n'uma ornamentação bizarra,

ARTE CHRISTÃ



Santissimo Coração de Jesus

Imagem que se venera na igreja de Nossa Senhora dos Anjos, no Porto

Escultura de J. FERNANDES CALDAS

Pintura de ALBINO BARBOSA

os prados picam-se de margaritas brancas em extensas alcatifas, e os lagos e fontes matisam-se de brancas corollas de nenuphares, semelhando bandos de pombas a banharem-se nas suas quietas aguas.

E' agora que ao redor de seus calicés bailam myriades de borboletas multicores em choreias insensatas, resoando bem perto d'ellas a musica dos passaros a cantar a ballada dos seus amores, assim como de noite recebem ellas em segredo os beijos castissimos do luar, aljofrando-as com o orvalho nocturnal. A natureza está como que n'uma festa grandiosa e perenne, n'um diluvio de risos e sol, n'uma plena e constante alegria.

E', pois, justa a consagração d'este mez á flor ideal e sem maculã, ao lyrio que brotara nos valles de Judá, á mystica açucena de Israel. A Virgem Mãe merecia a

sua apothese, quando a terra e céus se congraçam na mais inimitavel harmonia para o desprendimento das mais bellas maravilhas da criação. A Virgem Mãe, cuja vida fôra amarada pelas mais cruciantes dores só poderia ser glorificada dignamente em alleluias de rosas, em hossanas de camelias.

Lgrimas por flores! que suave poesia não envolve esta transmutação!

As flôres são emblematicas, pois que em todos os tempos envolvem-nas muitas lendas encantadoras. Ha-as que symbolisam a innocencia e a pureza, o amor como o soffrer, crystalisando assim nas suas graciosas formas os mais nobres sentimentos do coração humano.

Portanto, nós devemos offerter a Maria as nossas flores da alma juntamente com as flores dos jardins e

campos atadas n'uma piedosa e meiga prece. Que ella, a Mãe dos homens, retribuir-nos-ha as nossas humildes offerendas com os seus olhares misericordiosos, e com as dadivas supremas do seu thesouro inexaurivel de graças e bençãos.

Levemos, pois, as nossas humildes flores ante as aras, e crentes desfolhemol-as aos pés de Maria.

P.

Hymnos da Igreja a Nossa Senhora

Maternidade da Virgem SS.

I

Ao ceo da Virgem sagrada
Christo o seio preferiu,
E n'elle caducos membros,
Corpo mortal assumiu.

Deu-nos esta doce Virgem
O penhor da salvação,
Que nos remiu com seu sangue,
Tormentos, cruz e paixão.

Alegre esperança expulse
Do peito nosso o temor,
Que Ella nosso pranto e preces
Leva a seu Filho e Senhor.

A voz da Mãe Elle escuta,
E annue aos desejos seus:
Todos a amem, pois, e invoquem
Do mundo nos escarceos.

Eterna gloria á Trindade,
Que o puro seio a tal Mãe
Enriqueceu com tal Filho;
E eterno louvor tambem.

II

A vós, Mãe de Deus excelsa,
Supplicas rogamos todos
Nos proteja o vosso amparo
Do inferno contra os engodos.

De Adão pela culpa estando
A humanidade perdida,
Ergueu-vos o Rei supremo
De Mãe á honra subida.

Do reo pois aos tristes posteros
Sêde clemente, Senhora;
Por vós o Filho rogado,
Deixe a ira vingadora.

Jesus, da Virgem nascido,
Sêde vós glorificado,
C'o Padre e Espirito Santo,
Por tempo nunca acabado.

TRAD. DE A. MOREIRA BELLO.

A QUESTÃO SOCIAL

O jubileu do trabalho

E' hoje que a classe operaria, (impropriamente denominada a classe socialista, porque nem todos os operarios são socialistas na interpretação que vulgarmente se dá a esta palavra), realisa a festa do trabalho.

O trabalho! ha nada mais nobre, mais bello, mais grandioso que o trabalho! Ha nada que se compare com o trabalho! Jesus Christo, o Filho de Deus vivo, que veio ao mundo redimir a culpa original, quiz ser pobre, quiz viver do seu suor, quiz, n'uma palavra, trabalhar. O trabalho, como disse o grande poeta dos *Ciumes do Bardo*, é virtude, é riqueza, é vigor.

Mas a classe operaria, para celebrar o seu ephemero jubileu do trabalho, estabelecido universalmente no dia 1 de maio de cada anno, perde um dia de trabalho, o que equivale ao prejuizo d'um sexto da feria semanal, isto é um corte da sexta parte da alimentação da sua familia.

E tudo isso para quê? Para obter o *desideratum* dos 3 oitos, oito horas de trabalho, oito horas de estudo, e oito horas de descanso.

Se eu soubesse que eram verdadeiras essas aspirações, que effectivamente o operariado desejava cumprir á risca esse proposito, com todas as forças applaudia o seu intento, porque nada ha mais justo do que esse lemma.

Mas cumpriria a maxima parte dos operarios esse compromisso social que agora lhe doura a sua almejada esperança?

Imaginemos que o trabalho começava ás seis horas da manhã. Para cumprir oito horas de trabalho, iam para casa jantar ás duas horas, como se costuma dizer, com o dia ganho.

Só ás tres horas poderia começar o periodo das oito horas consagradas ao estudo. Diz a hygiene, e diria o seu medico, se elles o consultassem, que não pode emprehender-se um estudo litterario, durante, pelo menos, as duas horas que se succedem immediatamente á ingestão dos alimentos, isto é, durante a digestão estomachal. Logo, só ás seis horas da tarde, se poderia começar a fazer. Mas, como ás 6 horas da tarde, tendo começado as 24 horas da trilogia social ás 6 horas da manhã, representa a duodecima hora do dia social, segue-se que só tem o operario 5 horas disponiveis para o estudo, isto é desde as 5 horas ás 10 da noite. Imagine que está no inverno. Que ha de o operario estudar n'essas horas? E onde o ha de fazer? Os que pertencerem a alguma associação de classe, que tenha estabelecido escolas para uso dos socios, podem aproveitar, se tiverem vontade, e intelligencia, e poderão dispor d'algum tempo para o estudo. Não podem, porém, frequentar a bibliotheca publica, porque de ha bastantes annos, que só está aberta das 10 horas da manhã ás 3 da tarde... para os ociosos.

E se chover e fôr distante o local onde as escolas estiverem estabelecidas, e a residencia do operario? Chegam lá mais tarde que as 6 horas, e a casa muito depois das 10. Ceiam e deitam-se. Só podem adormecer, (e para isso é preciso que o consigam fazer immediatamente) ás 11 horas. E como ás 6 da manhã está a sineta da fabrica a chamar para o trabalho, e tem para isso de se levantarem, vestirem, almoçarem e transporem o caminho que medeia entre a fabrica e a sua residencia, no que gastam pelo menos uma hora, segue-se que não podem dormir, senão 6 horas isto é das 11 ás 5 da manhã.

Conclusão: por este systema trabalhariam os operarios 8 horas, estudariam (se estudassem), 5, e dormiriam (se dormissem), 6, ao todo 19 horas. As 5 horas restantes eram completamente perdidas.

Mas isso tudo, ainda assim, a poder realizar-se, seria um verdadeiro *el-dorado*, porque o artista ao fim do mez teria (descontando os domingos) 130 horas de estudo, o que já era innegavelmente alguma coisa.

O peor era, se em vez de frequentar a escola, preferisse frequentar a taberna... porque então, adeus estudo, adeus familia, adeus trabalho!

A.

RETROSPECTO DA QUINZENA

Interior

Recebemos noticias do snr. D. Antonio Moutinho, bispo de Argus e prelado de Moçambique. S. Ex.^a Rev.^{ma} chegou ao Chibuto em 5 de feveiro. Havia partido de Lourenço Marques acompanhado do prior d'aquella cidade, rev.^o padre Vicente. Visitou as circumscricções de Marraquene, Manhiça e Magudi. Foi a Gaza, á missão de S. Paulo de Menano, d'ahi foi ao commando militar de Billene, passou o rio Changane, e entrou em seguida em Chibuto.

Ahi foi recebido pelo governador, auctoridades civis e militares, e mais de 1500 pretos que o esperavam com grande alegria, formando alas para o receber. Benzeu no dia 7 o monumento de Mousinho d'Albuquerque, erguido na grande Avenida. Na tarde d'esse dia, houve grandes festas, batuques, corridas, combates, a que o digno prelado assistiu, captivando a todos pela sua lhaneza e affabilidade.

No dia 8 ás 9 horas da manhã, resou o snr. D. Antonio uma missa na capella privativa do castello, apoz a qual, de novo paramentado, administrou o baptismo a 20 negros maiores e menores, filhos de regulos, sendo padrinhos diversos funcionarios civis e suas esposas.

No dia seguinte ministrou o sacramento do chrisma aos baptisados da vespera, benzeu no dia 10 o cemiterio, e no dia 11, as 10 horas da manhã, retirou o prelado para Chai-Chai, com destino a Lourenço Marques.

Falleceu em Paris o ex.^{mo} snr. Barão de Santos, digno par do reino, e irmão do chorado bispo d'esta diocese, o Ex.^{mo} Cardeal D. Americo. Na sessão de 13 do mez findo, o snr. presidente da camara dos pares communicou á camara o respectivo falecimento, a que se associaram representantes da maioria e da minoria, sendo em seguida levantada a sessão em signal de sentimento.

Aos nossos leitores pedimos uma prece por alma do illustre fallecido.

Exterior

Foi solemnemente festejada em Sevilha, como é costume nos demais annos, a semana santa.

Na quinta feira foram imponentes as ceremonias na Sé Cathedral. A capella mor estava resplandecente de luzes. Em quanto se resavam as horas menores, foi uma commissão capitular buscar o rev.^{mo} arcebispo, afim de o acompanhar á Basilica. Revestido este, celebrou missa de pontifical executando-se a musica composta no seculo XVI pelo maestro Palestrina. Terminada a missa, seguiu-se a procissão, que se dirigiu ao

monumento, pela nave de S. Miguel. Em seguida voltou a procissão á capella mor, havendo depois Vesperas, e procedendo-se á desnudação dos altares.

Seguidamente serviu-se um jantar no paço archiepiscopal a 13 pobres, commemorando a cêa do Salvador. A esses pobres houve depois *Lava-Pede*. Terminada a cerimonia, subiu ao pulpito o Capellão real D. Blas Jesus de la Oliva, que fez um brilhante discurso.

A' noite foram executados por grande orchestra, e vigorosos coros, os officios de Slava.

—Teem continuado as greves na Hollanda, instigadas pela união dos trabalhadores federados, apesar da primeira camara dos estados geraes de Haya ter votado, por unanimidade, o projecto da lei contra as *gréves*.

—Segundo um telegramma publicado n'um jornal de Nova-York, sabe-se que os americanos tomaram a cidade de Bacalor, na ilha de Mendanás, (Filippinas), tendo ficado 100 filippinos mortos, e 13 americanos, além de muitos feridos de parte a parte.

—Em Creliente, povoação perto de Alicante, dispararam na sexta feira santa uma bomba de dinamite, quando á noite passava a procissão do Enterro. Houve grande panico, fugindo todos assustados, e quebrando-se as imagens dos andores, havendo ferimentos e correrias. Por fim restabeleceu-se o socego. Por toda a parte ha de haver gente selvagem, n'estas occasiões, mas principalmente em Hespanha!

—Outra vez se tornam a insurgir os *boxers* na China, contra a nossa santa religião, levando por toda a parte do vasto imperio, o terror a desolação e a morte! Nos primeiros mezes d'este anno, foram trucidados dois a tres mil christãos, ficando cinco ou seis mil, sem encontrarem abrigo. Entre os mortos ha tambem sacerdotes.

Peçam pois a Deus os catholicos de todo o orbe, para que tenha dó d'aquella christandade.

—Foi agora recolhido ao hospital de Tonisk, Russia, um velho de 200 annos e que entrou, por tanto, no 3.^o seculo da sua existencia. Possui a certidão de baptismo e outros documentos relativos á sua identidade; e, entre esses, com signaes particulares do seu corpo, um passaporte dado em 1763, marcando lhe a idade de 60 annos.

E' viuvo ha 123 annos, pois sua mulher falleceu em 1780, depois de 47 annos de consorcio. Seu filho unico morreu em 1824, aos 90 annos de idade.

O Mathusalem russo lembra-se de ter visto Pedro o Grande, e Catharina II. Já se não levanta da cama, mas as suas faculdades mentaes parecem perfeitas.

PUBLICAÇÕES

Theologia Moral Universal de Pedro Scavini

Corrigida pelos ultimos cuidados do auctor, e augmentada e illustrada com variadissimas Notas e Appendices de actualidade por J. A. Del Vecchio, conego de Cathedral de Novara.

Segunda edição portugueza vasada sobre a XVI edição latina de 1901, e consagrada ao clero de Portugal e do Brazil pelo editor José Maria d'Almeida

A *Moral theologica* é por athonomasia a sciencia dos costumes. Fundando-se em principios segurissimos, orientada pelo espirito luminoso da Egreja catholica, tem a T. Moral progredido tanto, depois que sobre ella com seguro acerto escreveu o grande doutor Santo Afonso Maria de Ligorio, e tem-se tornado tão especulativa e pratica

mente vantajosa e util nos seus ensinamentos, que nenhuma outra sciencia theologica, como esta nos seus diversos tratados, poderá já-mais fornecer ao homem tão valiosos conhecimentos na conjunção do bem temporal e da vida eterna.

Muitos varões illustres tem escrevido sobre Theologia Moral, e as suas obras, forçoso é confessar o, são outros tantos monumentos que, absolutamente avaliados, fazem o elogio dos seus auctores; porém, relativamente consideradas, a todas essas obras continua sempre avançando-se a *Theologia Moral Universal de Pedro Scavini*.

Uns tratados de Theologia Moral são difusos, alternam o texto com extensas dissertações de notas, e quantas vezes para exprimirem leves idéas, do que aliás se vae resentindo o proprio Gury; outros, sendo demasiadamente laconicos, como o *Del Vecchio*, que é um apanhado da esplendida Obra de Scavini, quasi restringem as suas vantagens a institutos de ensino. Ora a *Theologia Moral Universal de Scavini*, tal como este eminente theologo a escreveu e que é a obra de Moral que, depois das de Santo Affonso, tem sido mais elogiada e recommendada pela Igreja, continua sendo e será por largos annos o trabalho mais excellente e mais completo, a ornamentação da estante do clero, o manual mais primoroso do sacerdote que procura instruir-se com facilidade, segurança e clareza em todas as questões da nobre *Sciencia dos costumes*.

Foi por isso que o sr. José Maria d'Almeida ha annos empreendeu e levou a effeito a traducção da *Theologia Moral Universal de Pedro Scavini*; e é tambem por isso que agora o mesmo editor, accedendo ao desejo de muitos sacerdotes, vai publicar a segunda edição portugueza da mesma traducção.

Com justa razão a consagra ao Clero de Portugal e do Brazil, pois sendo n'esta grande nação ethnographica luso-brazileira que se cultiva a famosa lingua de Vieira e Canões, a tantos ha de levar particular vantagem a traducção, não só porque será revista com todo o esmero, correção e firmeza, mas tambem porque levará insertas na parte respectiva as leis civis portuguezas e brazileiras, que a Moral Theologica manda seguir e observar.

E, para maior vantagem, esta segunda edição concluirá com um importantissimo Apendice acerca da Constituição *Apostolicae Sedis*, que é o actual codigo penal da Igreja. A Constituição *Apostolicae Sedis* veio modificar profundamente a organização penal de Direito Canonico; torna-se portanto urgentemente necessario que o clero tenha perfeito conhecimento d'ella e do sentido em que se devem tomar as suas disposições.

Todos conhecemos a carta de congratulação e benções que Pio IX dirigiu a Scavini relativamente a 3.ª edição latina da sua *Theologia Moral Universal*, o que ainda nenhum tratadista de Moral logrou conseguir; mas o que decerto os nossos leitores não sabem é que um Principe da Igreja tenha devidamente apreciado e recommendado a traducção realizada pelo sr. José Maria d'Almeida.

O *Boletim do Governo Ecclesiastico dos Acores* publicava na parte official uma Circular (4 de agosto) de 1883) de Sua Ex.ª Rev.mª o Sr. D. João Maria Pereira do Amaral e Pimentel, dirigida ao Rev.º Clero d'aquella diocese, recommendando-lhe diferentes obras de merito e de um modo particular a traducção da obra de Scavini.

«A primeira d'ellas,—dizia o saudoso Prelado—e talvez a mais importante é a **Theologia moral universal de Pedro Scavini, vertida para portuguez da duodecima edição pelo Padre José d'Almeida e Silva**. Esta obra, que comprehende quatro grossos volumes em quarto, é organizada segundo a doutrina de Santo Affonso Maria de Ligorio, approvada pela Igreja, e a mais completa, que ultimamente tem sido publicada. Quem a possuir terá uma encyclopedia moral, que mereceu uma carta de Pio IX ao Auctor, agradecendo-lhe a dedicatória que d'ella lhe tinha feito, e louvando-lhe o ter seguido na mesmas as doutrinas de Santo Affonso Maria de Ligorio. Nada pois é mais necessario para tornar recommendavel esta importante obra, das mais modernas e estimadas geralmente n'este genero.

«Houve quem estranhou que uma obra de theologia moral escripta na lingua latina para o clero, que deve saber a fundo esta lingua, fosse traduzida para lingua vulgar; tornando-se a traducção como injuriosa ao mesmo clero, mas sem razão; porque por muito bem que elle conheça, aquella lingua, tão bem, pelo menos, deve conhecer a sua natal; e a duodecima edição, sobre que foi feita a traducção, acha-se de tal modo intercalada de addições e notas em italiano, que para quem não souber esta lingua, ficaria em grande parte inutilizada.

«Grande serviço pois fez o traductor vertendo em portuguez tanto o latim como o italiano; e estamos certo de que quem adquirir esta obra se não arrependerá d'isso; mas antes a terá em grande estimação.»

Ora, se a 1.ª edição portugueza, que era feita sobre a 12.ª edição latina, mereceu tão elogiosas referencias, muito mais as ha de merecer a 2.ª edição do portuguez feita sobre a 16.ª edição latina e que naturalmente ha de sair mais correcta e com importantes melhoramentos e augmentada com assumptos moraes de grande actualidade.

Conego Rito

(Do «Mensageiro Popular», de Março)

Condições da assignatura

Esta obra será distribuida por assignatura, em cadernetas de 80

paginas, de 20 em 20 dias, e custará cada caderneta 180 reis, que serão pagos no acto da entrega.

Depois de completa, formará 4 grossos volumes de 800 a 900 paginas e cada volume.

Os srs. assignantes da provincia recebel-as-hão pelo correio, franco de port., e mandarão pagar de 3 em 3 cadernetas, em vales do correio ou carta registada.

Tambem se recebem assignaturas a volumes, brochados ou encadernados.

Recebem-se desde já assignaturas em Vizeu e em todas as livrarias.

Depois de concluida a obra será augmentado seu custo.

Todo o individuo que angariar 8 assignaturas, e se responsabilisar pelo seu pagamento, terá direito a uma obra gratis.

Acceptam-se correspondentes em todas as localidades.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Editor e proprietario —José Maria d'Almeida—Vizeu

Um bom livro—Temos sobre a nossa meza de trabalho, um bom livro, e que de boa vontade recommendamos a todos os nossos leitores. E' «A Viagem d'um peregrino a Jerusalem, e visita que fez aos logares santos em 1817 Fr. João de Jesus Christo, indigno filho do seraphico patriarcha S. Francisco.»

Esta obra que tem 304 paginas, bem impressas e em bom papel, occupa-se minuciosamente dos Logares Santos de Jerusalem, proporcionando curiosa e instructiva leitura a todos os que não puderem visitar os logares, onde o divino Redemptor nasceu, viveu, pregou, soffreu e morreu. Traz alem d'isso a lista das indulgencias que se ganham visitando os diversos logares que estão patentes em Jerusalem e que tanta devoção e respeito merecem de todos os christãos.

Custa apenas 300 reis e acha-se á venda no escriptorio da redacção d'este jornal.

—Recebemos e agradecemos: o n.º 1 do volume XX, correspondente ao mez de janeiro de 1903 da «Revista de Guimarães» publicação da Sociedade Martins Sarmento.

—Os n.ºs 5 e 6 do anno III da «Revista de Santa Cruz» publicação mensal illustrada de religião, lettras, artes e pedagogia, que se publica na cidade de S. Paulo, Estados Unidos do Brazil, e correspondentes aos mezes de Fevereiro e Março de 1903. O primeiro d'esses numeros traz uma esplendida gravura de S. Santidade Leão XIII, referindo-se em artigo ao jubileu pontifical.

—O volume VII do anno VII, correspondente ao mez d'Abril de 1903, do «Mensageiro do Coração de Jesus,» notavel publicação mensal de leituras amenas e critica religiosa que se publica na cidade de S. Paulo, (Brazil).

—O fasciculo n.º 81 da «Biblia Sagrada», esplendida publicação da livraria moderna, da rua Augusta n.º 95, em Lisboa. Traz duas bellas gravuras: O Anjo dos Machabeus, e Judas Machabeu em presença do exercito de Nicanor.

—O fasciculo n.º 4 do Anno segundo do «Boletim Salesiano» que se publica em Loreno, Estado de S. Paulo—Brazil.

—*Encyclopedia Portugueza Illustrada*—Recebemos os fasciculos 226, 227, 228, 229 e 230 d'este apreciavel dictionario universal, publicado sob a direcção do sr. dr. Maximiano Lemos, lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Comprehendem 2:614 artigos e 87 figuras (desde *Funchal a Garoupa*).

Continua a assignar-se este excellente dictionario em todas as livrarias e no escriptorio da empresa Lemos & C.ª, successor, largo de S. Domingos, 63-1.º, Porto. Em Lisboa são correspondentes os srs. Belem & C.ª, rua do Marechal Saldanha, 26.

—Penhorados, accusamos a recepção do notavel e eloquente discurso que na sessão das camaras dos di-

gnos pares, de 13 de fevereiro de 1903 recitou o ex.^{mo} snr. conselheiro Jacintho Candido, e que s. ex.^a nos enviou com uma amavel dedicataria.

Tracção electrica em Gaya

Acabamos de receber d'um nosso amigo a carta que abaixo publicamos:

Snr. Redactor.

Acabo de ler n'um jornal d'esta cidade, um artigo em que se censura o snr. José Ribeiro Vieira de Castro, dignissimo gerente da Companhia Carris de Ferro do Porto, por não dar andamento á tracção electrica, em Villa Nova de Gaya.

Ora essa accusação que á primeira vista parece muito justa, deixa de o ser, desde que se saiba que não é por culpa do ex.^{mo} gerente que esses trabalhos não teem tido o maximo andamento, talvez porque, concordando com o auctor do artigo, elle esteja tambem convencido, de que essa linha vae dar rendimento á companhia. Mas saibam os leitores, que se os trabalhos ainda não teem andamento é porque, como o proprio auctor do artigo declara se espera ainda uma portaria do ministerio das obras publicas, para o habilitar á execução d'aquelles trabalhos, e essa portaria só chega, quando no respectivo ministerio fôr entregue a planta que o ministro mandou elaborar, e, a cuja execução se está dando todo o desenvolvimento, por ordem do activo gerente da companhia.

Já veem, pois, que não é culpa de s. ex.^a, que não haja trabalhos iniciados e até mesmo adelantados, pois que lhe posso affiançar, snr. redactor, que, se o auctor do artigo tem desejo de ver a obra concluida dentro em tres mezes, o gerente desejaria vel a dentro de oito dias.

Peço-lhe, snr. redactor, que me desculpe de lhe roubar este pequeno espaço ao seu apreciado jornal, e creia na amisade de quem se subscreve

J. A. C.

ESTUDOS

A Imprensa

Os innumerados correspondentes da casa Fugger, que era então o primeiro estabelecimento bancario da Europa, mandavam noticias e informações dos mais remotos paizes, que eram publicadas na lingua original. Para ler um numero das *Ordinari Zeittugen* era necessario, por consequencia, ser polyglotta. Suppõe-se que o primeiro numero d'esta publicação sahisse entre 1615 e 1616, apesar de actualmente não existir nenhum numero anterior a 1658. Ainda que esta gazeta apparecesse na data supposta, não era anterior a uma gazeta hollandeza que é, segundo está averiguado, o mais antigo periodico que se conhece.

Efectivamente, enquanto não se fizerem novas descobertas que façam mais luz sobre o assumpto, é á Hollanda que pertence a gloria de ter publicado o primeiro jornal. Há um documento incontestavel que estabelece a prioridade hollandeza. Nos archivos da Hollanda encontra-se um privilegio concedido em 1605 a um impressor de Anvers, chamado Verkoeven, pelos archiduques Alberto e Isabel. Esse privilegio consistia em «imprimir ou gravar em madeira ou metal e vender em todas as regiões da jurisdicção archiducal, todas as noticias recentes, as victorias, os cercos, as tomadas das

idades que os principes faziam ou ganhavam.» Não se sabe se Abraham Verkoeven chegou a fazer uso do seu privilegio; é provavel que, não porque nos archivos hollandezes já encontramos alguns exemplares d'um jornal publicado em Anvers, em 1605, segundo Mauricio Block ⁽¹⁾ e em 1620 segundo E. Hatin. Esse jornal chamava-se *Nieuwe Tidinghe* (Ultimas Noticias) e, quer tenha apparecido n'um anno ou em outro, é positivamente o primeiro jornal que se publicou.

As *Nieuwe Tidinghe* appareciam irregularmente, com intervallos indeterminados a principio; a partir de 1621 começaram a sahir com regularidade e a trazer data e numero de ordem. Publicaram-se quinzenalmente até 1629, anno em que a sua publicação se tornou hebdomadaria e em que se transformou o antigo titulo, que foi substituido por este: *Wekelyke Tidinghe*. Os exemplares que se encontraram nos archivos de Haya e Amsterdam teem oito paginas de formato in-4.^o, sendo a primeira e a ultima paginas occupadas com vinhetas allusivas aos acontecimentos da epoca. Não existe duvida alguma sobre a authenticidade d'estes exemplares; elles conferem definitivamente aos Paizes Baixos a prioridade na publicação dos jornaes.

Resumindo o que fica dito, vê-se que é a seguinte a ordem porque appareceram as primeiras publicações periodicas:

Data ignorada — Os *annaes dos pontifices*, em Roma, cuja authenticidade é muito contestavel;

693 da fundação de Roma — As *Acta diurna*, em Roma, publicação esta que a maioria dos historiadores considera como compilações e sem caracter algum jornalístico;

Seculo XV — As *Nottizie scriptte e Fogli d'avvisi*, em Venezia, cuja existencia é negada por Hatin e por outros historiadores;

1588 — *The English Mercury*, em Londres, jornal que mais tarde se reconheceu ser apocrypho.

1605 ou 1620 — As *Nieuw Tidinghen*, nos Paizes Baixos;

(Continua).

EXPEDIENTE

Conforme o «Expediente» publicado no nosso numero anterior, mandamos já saques a todos os nossos assignantes em divida.

Esperamos a fineza de sermos attendidos, visto que a sua devolução nos obriga a novas despesas. E, como os saques se referem só ao pagamento d'um anno, não será muito penoso o respectivo pagamento, pois que se sujeitam os devedores remissos a serem privados da leitura do jornal, que, aos devedores de mais d'um anno, será immediatamente supprimido.

De novo recommendamos, que, quando tenham de nos escrever, sobre questões de administração, não se esqueçam de mencionar o numero impresso na cinta do jornal, para mais rapido expediente.

“PROGRESSO CATHOLICO,”

Compra-se na administração d'este jornal o settimo anno d'este jornal.

¹ *Dictionnaire de la politique*, artigo *Presse*.

LIVROS RELIGIOSOS

A' venda na Typographia Catholica de José Fructuoso da Fonseca — Rua da Picaria, 74 — Porto

FLORES A S. JOSÉ

MEDITAÇÕES PARA O SEU MEZ OU QUALQUER TEMPO DO ANNO

COM

Exemplos apropriados, colloquios, etc.

*Extrahidas das Sagradas Escripturas, Santos Padres,
Doutores da Egreja
e outros eminentes auctores e coordenadas por*

A. J. F.

OBRA APPROVADA E INDULGENCIADA

2.^a EDIÇÃO

Preço, enc. . . 200 reis

O MEZ DE S. JOSÉ

A VIOLETA DE MARÇO

Vertido d'um livro allemão por

Carlos H. Pieper

REVISTO PELO DR THEOLOGO DOMINGOS DE SOUZA MOREIRA FREIRE

Com approvação do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Cardeal D. Americo

3.^a Edição—*Augmentada com o «Modo de ouvir missa pelos defunctos»*

Preço, enc. . . 160 reis

Padre Affonso Muzzarelli

MEDITAÇÕES

PARA

O MEZ DE MAIO

COM

PIEDOSOS E LINDOS COLLOQUIOS COM A SS. VIRGEM
PARA TODOS OS DIAS

*E tocantes exemplos extrahidos das obras de
Santo Affonso Maria de Ligorio e de outros bons auctores*

Com permissão do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Cardeal
D. AMERICO, Bispo do Porto

QUINTA EDIÇÃO

Preço, enc. . . 160 reis

BERNADETTE

SOROR MARIA-BERNARDA

POR

HENRIQUE LASSERRE

Vertido da vigesima-segunda edição franceza

POR

A. Peizoto do Amara!

1 vol., broch. . . 400 reis

IMITAÇÃO DE CRISTO

*Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada
com notas por*

MONSENHOR MANUEL MARINHO

Approvada e indulgençada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.

D. ANTONIO, BISPO DO PORTO

Preços:

Em percalina	300 reis
Em carneira com folhas douradas.	500 »
Em chagrin, douradas	1\$000 »

HORAS DE PIEDADE

OU ORAÇÕES SELECTAS

COM APPROVAÇÃO E RECOMMENDAÇÃO

DE S. EM.^a O SNR.

ardeal Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto

Nona edição ccoordenada e consideravelmente augmentada

1 vol., enc.	250 reis
Douradas	500 »

FLORES

AO

SS. CORAÇÃO DE JESUS

*Meditações para o seu mês ou para qualquer
tempo do anno
com exemplos apropriados, praticas e jaculativas*

COORDENADAS POR

ANTONIO LUIZ FALCÃO

E REVISTAS POR

Monsenhor Manuel Marinho

Approvado e indu'genciado pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.
D. ANTONIO, Bispo do Porto

1 vol., enc., 300 réis

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—R. da Picaria, 74—PORTO.

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105—BRAGA

*Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,
Industrial de Lisboa de 1888
e Universal de Paris de 1889*

Fabrica de damascos de sêda e ouro; lisos e lavrado; paramentos para egreja; galões e franjas d'ouro fino e falsos setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portu guezas.